



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

Ainda há pior do que o mau perder

Da última noite eleitoral, sobram os episódios absurdos ou hilariantes, pela região e pelo país. O costume. Há vencedores declarados, claro, os que perderam, mas só um bocadinho, os que se perderam, sobrestimando os respetivos resultados, aqueles que tiveram uma votação "modesta" e ainda a CDU. E, claro, a CDU ganha sempre. A seguir, batem as doze badaladas, e resolve-se o seu problema de identidade. Na segunda-feira seguinte, está de volta o velho PCP.

Aqui pelo arquipélago, também se faz toda a sorte de piruetas, malabarismos e caretas para reclamar um pedacinho de vitória. Espera-se até à boca da madrugada, se preciso for, para se enumerarem os dados convenientes e, assim, puxar pelo ânimo de companheiros, camaradas ou simples transeuntes. Sem entrar em análises detalhadas e, porventura, desnecessárias, fica apenas a nota para os resultados significativos

obtidos por movimentos independentes de cidadãos. Num caso, Santa Cruz das Flores, garantiram mesmo o triunfo. Desse facto resultam duas evidências. A primeira delas é que, à ilharga dos partidos, existe espaço, vontade e crédito acumulados para a participação política. A segunda é bastante óbvia: os partidos de poder jamais vão permitir semelhante mobilização para eleições regionais. Se muito dificilmente o terão equacionado num passado mais ou menos distante, doravante reprovarão qualquer iniciativa nesse sentido. O poder nas ilhas é pouco para distribuir e o risco de dividi-lo com movimentos desta natureza é declarado morto e enterrado, agora que ele parece ganhar força, ao nível local.

O mais surpreendente, especialmente por cá, é o rescaldo. Dantes, o saldo da noite eleitoral era detalhado ao balcão do café, ali mesmo, no largo da freguesia, ou nas colunas de opinião, variando na astúcia ou no pendor pan-

fletário. Agora, o rescaldo é feito ao género de pós-match dos grandes dérbi, culminando (pasmese) no ressentimento dos vencedores.

O poder nas ilhas é pouco para distribuir e o risco de dividi-lo com movimentos desta natureza é declarado morto e enterrado.

Cruzei-me, ao longo dos últimos dias com artigos em jornais e todo o género de publicações em redes sociais de candidatos que venceram, queixando-se. Denunciavam boatos, injúrias, traições, enfim todo um rol inesperadíssimo de baixezas. Será, decerto, mais um sinal dos tempos. Recentemente, não é inédito os vencidos enveredarem pelo mesmo caminho, até ao limite grave de recusarem os resultados. Isso, descansem, também não demorará a aconte-

cer em Portugal. Agora, não pode o ressentimento tolher de igual modo os vencedores. Tendo eles recebido a confiança dos eleitores, a primeira missão que lhes compete é simplesmente serem magnânimos, incluindo – e, sobretudo – com os vencidos.

Tive a sorte de aprender isso, observando, de perto. O meu pai foi presidente de junta de freguesia, durante dois mandatos. Aquando da sua primeira eleição, tinha eu seis anos, a noite eleitoral acabou com ele convidando todos os adversários para nossa casa, brindando e agradecendo a disputa. Infelizmente, sobre essa lição de elevação cívica não tive a oportunidade de lhe agradecer. Mal sabia eu como ela não era, de todo, trivial. ■